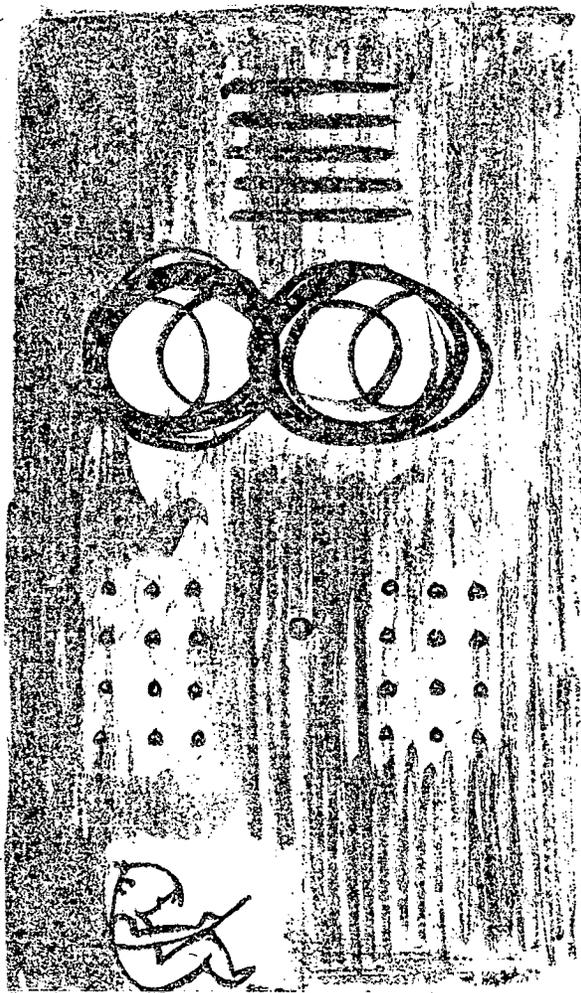
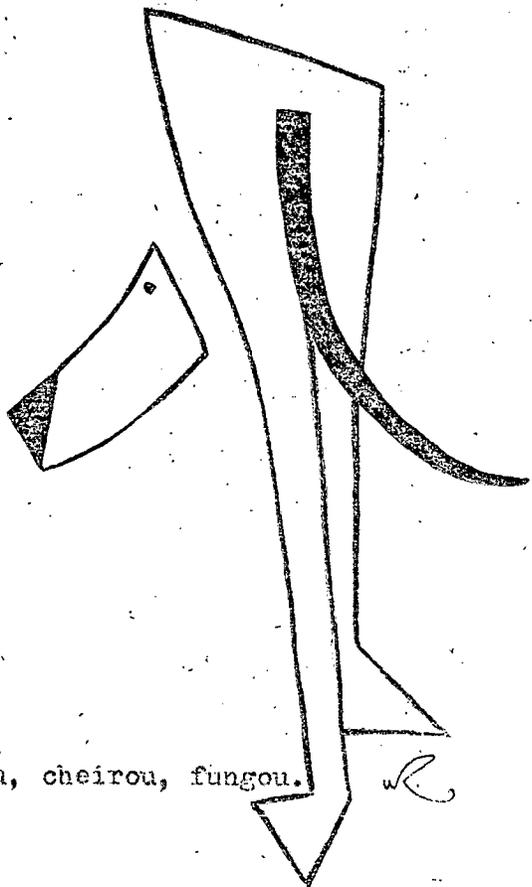


agenor raposo

Automatização



-- ... dois vezes dois, quatro; tip!,
dois vezes três, seis; tip!, dois...

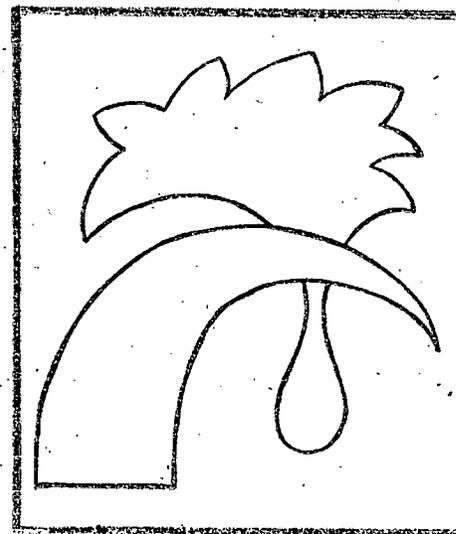


Vagou, cheirou, fungou.

Gens
suplemento literário

galo suburbano

nelson raul saraiva



este trabalho mereceu o 1º prêmio

de 'concurso de contos' promovido

pelo jornal "Gã-ira" do GEM em 62

dão um livro à biblioteca do seu colégio

Chegou tarde ao trabalho.

"Ora, — pensou — como é bom reencontrar amigos! A gente fica, fica, e o tempo passa, passa..."

Ah! aquela garrafa que Jandira escondeu! Quem é vivo sempre aparece! Já ia a meio, quando sumiu.

Bofete p'ra cá, bofete p'ra lá, o sumiço foi selado.

Cachaça da boa; Jandira não presta."

Ao corpo vidrado, bebeu-lhe a pouca alma fluida.

Que alegria! Que pena!

A garrafa caiu, som mortífero na mesa. Agora, o trabalho. Apontaram o relógio. "Por quê? Não é um nôvo nem nada..."

O chefe passou. Era o da grana. Estava com cara de poucos amigos. Era o chefe.

Ele foi e pediu, pediu, pediu.

Caminho da rua.

"Mas que bolada! — E não mais me apareça! — Qual! Esses chefes... Quem o viu e quem o vê... Mas que bolada!"

"Éta, gente ruim! Gorjeta de mão rica, 'tá muito bom, 'tá muito bem. De mim, qual!

— Deixe para lá... —

Estou virando assombração? Aceita, homem!"

Entrara no ponto-de-qualquer-hora.

Bebeu, bebeu, bebeu.

"Bota um dedo." Dois dedos, três.

Bebeu até a quatro mãos.

O santo, aí, devia estar mais alto que o próprio céu.

A gente bate papo e o tempo bate asas

"Jandira entrou naquela garrafa..."

Mas que bolada!..."

"Acorda; acorda, homem, vai andando."

"Hm, hm, êste gosto na boca... Parece ter a língua em escabeche..."

Bota aí uma pr'isto passar..."

Caminho de casa.

"Hm, hm, lá vou eu... Jandira, 'pera só... Tu já vais ver..."

"Graxa?"

Estacou frente ao moleque e sua oficina.

Fausa para pensar.

Nem pensou. Aboletando-se:

"Dupla!"

Tropeçou com o brilho dos sapatos na soleira.

"Arre, mulher!"

Assim cumprimentada, Jandira estremeceu.

Só queria que você visse! Mas que bolada!..."

E ia extrovertendo os bolsos.

Miseras notas desordenadamente deram ao chão.

Silêncio apático.

"Cachaceiro!"

Despertar.

"Toma lá, cachaços! cachações!..."

Pegou da mulher e bateu, bateu, bateu.

Jandira ia longe. Surrada porém decidida. Tudo acabada.

Ele contemplava os sapatos.

A porta aberta dá passagem a um cachor

ro.

Vagou, cheirou, fungou.

Gente tem os olhos como espelho d'alma.

Cachorro tem o rabo.

Foi quando, seguido por pesadas pálpebras, afocinou os sapatos.

Recebeu um pontapé e lá se foi, correndo de alma entre as pernas.

Éta, subúrbio!

A cara de um cara espreitou de fora.

Um balbucio:

"Mas que bolada..."

"Alô, tio velho!..."

Éta, subúrbio!

"Jandira entrou naquela garrafa..."

Ele entrou na garrafada.

Éta, subúrbio!

Acordou, não pelo galo da cabeça. Calo suburbano.

Confiou aos ouvidos que ouvem o que a vida não viu:

"Jandira com outro fugira levando tudo, mas que bolada!"

Livre de compromissos, sem haveres nem deveres, em jejum, passeou a consciência pela cidade.

"Graxa?"

Uma voz do passado que pensava não mais existir.

Mas, não olhou para trás.

Andou, andou, andou.

dão um livro à biblioteca do seu colégio